



Sebastião Salgado, fotógrafo

SEBASTIÃO SALGADO INSPIROU
GERAÇÕES DE FOTÓGRAFOS E FOI UMA
REFERÊNCIA ÉTICA PARA MUITOS

ESPELHO DE gerações

Sebastião Salgado durante sessão de fotos em Paris, em 2021

» NAHIMA MACIEL
» JOÃO PEDRO CARVALHO*

Inspiração para várias gerações de fotógrafos, Sebastião Salgado era também uma referência ética. A maneira como organizava os projetos, o respeito pelos objetos fotografados e a consciência ao apontar a lente para as maiores tragédias humanas e ambientais eram influências notáveis no mundo da fotografia e na repercussão alcançada pelas imagens.

Professor de fotografia no curso de Comunicação do Centro Universitário de Brasília (Ceub), Lourenço Cardoso ressalta a amplitude do trabalho de Salgado. “Capaz de unir seriedade e um sorriso no mesmo semblante”, diz. “Ele soube extrair beleza das formas e das situações mais trágicas da humanidade, realizando algo único, incomparável. Sua morte representa uma grande perda para a fotografia, tanto brasileira quanto mundial.”

O fotógrafo André Vilaron, que trabalhou na revista *Manchete* e hoje é gestor público, conta que cresceu admirando e aprendendo

com o olhar de Salgado, herdeiro de uma linha humanista ancorada em nomes fundadores do fotojornalismo, como Eugene Smith, Dorothea Lange e Walker Evans. “Fazia uma fotografia que não se dissociava dele, como pessoa. Era tudo uma coisa só, suas imagens, suas convicções e o que ele achava importante destacar, para o mundo, a partir da fotografia”, avalia Vilaron. A fotografia documental, lembra, vai muito além do registro da cena, sendo uma construção do olhar. “E ele acreditava que, com sua força, a imagem tem a potência para sensibilizar, emocionar e, desta forma, contribuir para transformar o mundo”, explica. “É uma perda imensa”, lamenta.

Para a fotógrafa Zuleika de Souza, Sebastião foi o fotógrafo que mostrou o Brasil para o mundo e o mundo para o Brasil. “Ele conseguiu estar em todos os quatro cantos do mundo e ter um olhar terno, um olhar humano sobre as pessoas que ele estava fotografando”, diz. “Eu me lembro de uma história que ele falava que em lugares de fome, ele se alimentava com pílulas para não comer em lugares que as pessoas não estavam conseguindo comer, ele se alimentava com vitaminas. Ele sempre teve um olhar muito humano sobre quem

fotografava. Ele se colocava no lugar daquelas pessoas, e fez imagens belíssimas, maravilhosas.”

Organizador do Mês da Fotografia e fundador da Photo Agência, Eraldo Peres ressalta o aspecto acessível de Salgado, mas também a compreensão de que o fotojornalismo e a fotografia documental não precisavam estar necessariamente ligados a um veículo de comunicação. Com projetos monumentais que duravam anos, ele trazia para um espaço ampliado e de enorme repercussão temas urgentes do planeta. “É um cara que documentou essas questões que perpassam todos os tempos, que sempre estiveram aí e vão perdurar”, acredita. “E tinha essa postura de uma pessoa que não sente em cima de um nome mas, pelo contrário, conversa com todos, disponível para as pessoas”, conta, ao lembrar de dois encontros com Salgado devido a exposições realizadas em Brasília.

*Estagiário sob a supervisão de Nahima Maciel

AMIGOS DE Paris

» MARIA LUISA VAZ*

Regina do Prado e seu marido, Antonio Beluco Marra, moravam em Paris quando, em 1969, Sebastião e Lélia Salgado se mudaram para França fugindo da ditadura militar. O jovem casal, enviado por um professor de economia de Sebastião, que era amigo de Regina, pediu acolhimento dos dois enquanto ajeitava a vida no novo país, conta Regina para o *Correio*. “Ficaram com a gente por um ou dois meses, dormindo em um colchão no chão”, relembra. Nesse período, Beluco trabalhava para o *Jornal do Brasil* e fazia fotos para a revista *Cruzeiro*, com um laboratório de revelação montado no banheiro da casa. “Desde o início, Sebastião se interessou muito por essa técnica de revelação. Quando o Beluco viajou para Londres para comprar uma nova máquina, o Sebastião foi junto e adquiriu sua primeira Nikon. Ele comprou tudo que o Beluco dizia que era importante”, destaca Regina. Sebastião logo foi explorar a cidade, tirando fotos e aprendendo a manusear a câmera. Regina trabalhava como caixão em uma loja de mercearia do prédio onde moravam na época, e arranjou trabalho para Sebastião. “Porque ele precisava de dinheiro, então trabalhou repondo as estantes. Ele não falava francês e só começou a estudar a língua quando se mudou para o país, misturando português e o francês bastante no início”, adiciona Regina. Depois que os Salgados encontraram uma nova residência, os casais foram perdendo o contato, se vendo apenas ocasionalmente em festas. Regina encontrou Sebastião muitos anos depois, em Brasília, quando ele veio fazer a primeira exposição fotográfica. Em outras vindas do artista ao país, ela diz que ele já era “muito estrela, e não conseguiu encontrar-lo pessoalmente para conversar”. Regina finaliza dizendo que a perda de Sebastião será sentida por todos os brasileiros, e que sempre vai se lembrar das primeiras impressões do casal que bateu em sua porta há mais de 50 anos: “Lélia era muito nova e Sebastião muito curioso, alegre, sempre me fazia rir. Ambos eram ótimas companhias”.

Fotógrafo QUE PROTEGEU O meio ambiente

» ISABELA BERROGAIN

Reconhecido mundialmente pelo trabalho na fotografia, Sebastião Salgado dedicou grande parte da vida à proteção ambiental. Em 1998, ele e a esposa, Lélia Salgado, criaram a organização não governamental Instituto Terra, com intuito de recuperar a biodiversidade da Mata Atlântica e promover o desenvolvimento rural sustentável na Bacia do Rio Doce, região entre Minas Gerais e o Espírito Santo castigada pelo desmatamento.

Amigo de Salgado há 55 anos, Cristovam Buarque, ex-senador e ex-ministro da Educação, falou ao *Correio* sobre a morte. “No prazo de um mês, o mundo perdeu três imensos pedaços do que ainda nos resta de humanismo: Francisco, Mujica e Salgado”, declarou. Os dois moraram juntos em Paris, na França, com o ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil, Aloysio Nunes, e escreveram o livro *O berço da desigualdade*, lançado em 2005.

Ex-ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, Izabella Teixeira disse estar arrasada com a perda. “Tião é e sempre será um homem do bem. Continuará presente com o seu legado, sua família e amigos. Foi um

grande e leal amigo, que apostava na simplicidade da vida e na verdade. Ajudou e continuará ajudando muita gente e o planeta. Foi um presente tê-lo na minha vida com a sua especial presença”, afirmou a também bióloga.

“Se uma imagem vale mais do que mil palavras, Sebastião Salgado construiu enciclopédias”, descreveu Pablo Casella, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). “Obra monumental que parece ter escolhido pulsar uma das essências humanas mais sublimes: vivenciar a realidade, em sua inteireza, repleta de feiúra, violência, atrocidades, ao mesmo tempo que bela, transcendente. Em nosso tempo desolador, agradeço a ele por ter mostrado a possibilidade de uma existência com significado”, enalteceu.

“Na família, há tempos, fala-se no ‘projeto Sebastião Salgado’”, alusão à sua contribuição derradeira com a restauração ambiental de centenas de hectares de Mata Atlântica em sua fazenda Bulcão, em Minas. Obrigado por tanto, Sebastião”, finalizou o analista.

Professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB), Elimar Nascimento conheceu

Sebastião Salgado/ Divulgação



Sebastião Salgado chamou a atenção do mundo para a Amazônia

Salgado rapidamente, no início da carreira, quando os dois moravam em Paris. “Salgado é uma daquelas pessoas que a gente pode chamar de grande humanista. Ele pensava na humanidade como um todo, no presente e no futuro”, definiu. Elimar lembra que, na época

em que se encontraram, o ativista estava no processo de trocar a carreira em economia, curso em que era graduado, pela fotografia. “Os homens e a natureza foram um componente maravilhoso do trabalho dele, e que se exprimiu na vida cotidiana,

no processo de revitalização dele. Foi um artista extraordinário, e um humanista também. Compreendeu os momentos que a gente, como sociedade, tivemos e ainda vamos ter”, completou.

Marta Salomon, analista do Instituto Talanoa, também teve um

contato breve, porém marcante, com o fotógrafo, durante a abertura de uma exposição do artista no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. “Nas fotos dele, eu via uma outra Amazônia, bem mais poética, e milhares de motivos para manter a floresta em pé. Espero que o trabalho dele de restauração florestal, para além da Amazônia, siga vivo”, torceu.

Jordi Raich, chefe da Delegação Regional do Comitê Internacional da Cruz Vermelha recebeu Sebastião Salgado, após o genocídio de Ruanda em 1994, e nos campos de refugiados no Zaire (atual República Democrática do Congo). “Além de ser um fotógrafo-mestre que dedicou sua vida a denunciar a exploração e a violência, e a capturar a vida dos mais desfavorecidos, ele era uma grande pessoa, humilde e dedicado ao próximo. De manhã, depois do café com a equipe, ele pegava suas câmeras e ia embora, dizendo para não nos preocuparmos. Sebastião podia desaparecer por dois ou três dias sem retornar, não sabíamos onde dormia ou o que comia. Retornava com os olhos brilhando, cheios de imagens, triste com o que fotografou, feliz por poder contá-lo ao mundo através da arte.”